ANO II — Lisboa—Sabado, 2 de Março de 1918 — N.º 310

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA»—LISBOA

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
Antonio Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e typographia
R. de S. Paulo, 20

Impressão — Rua da Atalaia, 134

Editor — João A. Santos

Telefone: C. 1035

O regimen dos gafanhotos

Cada dia que passa traz ao publico, atravez das notas oficiosas fornecidas á imprensa, o conhecimento duma nova falcatrua ou duma nova irregularidade, cometidas pelos governantes da União Sagrada em prejuizo do interesse nacional e com manifesta diminuição da pecunia publica... Não se trata de rumores vagos, vagas exalações da podridão politica que a todos minou conjuntamente. Trata-se de factos precisos, reproduzidos com laconica frieza em escritos emanados duma entidade que tem nas suas mãos o cofre cuja porta foi descaradamente violentada.

Não sei se ha por aí algum republicano bastante historico, bastante honesto, bastante ocioso e bastante despido da mundanal vaidade, para se deixar arrastar no curso tumultuoso das meditações que isto tudo deverá sugerir-lhe. Se ha, creio que a sua sciema será esta:

«Pois quê? Estes homens que agitavam deante dos meus olhos o pendão da Virtude; estes homens que eu aplaudi nos comicios e na rua; por cujo triunfo expuz na barricada a minha vida e a sorte do meu lar; que opuz á Realeza como executores da alta justiça que os seus erros demandavam; estes homens que tão cheios de colera sagrada como Moysés ante o bezerro de oiro, flagelavam a corrupção de uma antiga monarquia, — aparecem-me agora como reus ou cumplices da mais desenfreada pilhagem e do mais torpe banditismo que em tempo algum assolou o territorio da patria?!...

«Pois quê? Esta Republica que eu supunha ser a sistematisação de toda a virtude, de toda a pureza esparsa na velha humanidade; que eu sonhava sempre vestida d'alva como os coeiros d'Afrodite, ao sair das ondas ainda virgem; esta republica sem o pecado original da lista civil e do privilegio hereditario, — aparece-me agora mais dissimuladamente velhaca do que Praxagora, a mulher de Blepyros, em que nos fala Aristofanes, e muito mais marafona, muito mais sabida e corrupta, do que as marafonas sabidas e corruptas a que o bom Horacio chamava—*puellae lam virum expertae?!*...

«Pois quê? Numa edade tenra, edade em que nem todas as creanças subiram ainda a uma amoreira para lhe arrancar uma amora, já esta republica conseguiu mudar para o bolso dos seus mais proximos servidores a prata de muitas egrejas e o dinheiro de muitos impostos!? Se, fechando em documentos intimos, *nos não apuramos contra uma Monarquia secular mais do que uns aventamentos deidamente escritados*, e feitas a quem já tinha adeantado ao país muito mais do que lhe devia agora, — como se compreende, após sete meninieiros anos de existencia, que a republica e os seus homens tenham já emporcalhado a propria fama com uma tão vasta obra de dissipação e autentico pilhanço?!...»

Se ha algum republicano bastante ocioso para poder passar o tempo em taes meditações, estou certo de que, ao cabo delas, vêr-se-á forçado a tomar um destes tres caminhos: ou rever a sua sciencia politica lendo Maurras e alguns numeros da *Monarquia*; ou renunciar a toda a acção, bocejando como o Ecclesiastes, que «tudo é vaidade»; ou renunciar ao gosto amargo de sentir o pensamento, suicidando-se e murmurando como a triste princezinha d'Yorck: *«ſi de la vie! qu' on ne m'en parle plus...»*

Por minha parte, e sem pretender influir na sua escolha, dir-lhe-ei incidentalmente — ser a republica um regimen tão de sua natureza propicio ao vicio e ao banditismo, que o proprio Rousseau, seu inventor e seu profeta, manhosamente observava: *«s'il y avait un peuple de dieux, il se gouverneroit démocratiquement. Un gouvernement si parfait (?) ne convient pas à des hommes.»* De certo modo tambem assim pensava Montesquieu, ao afirmar que os governos monarquicos e aristocraticos poderiam prescindir de uma severa virtude politica: mas os governos democraticos — não...

Claro está que eu nego provadamente que se houvesse um povo de deuses ele se governaria democraticamente... Mas nem por isso Rousseau deixa de ter razão quando confessa que a democracia não é sistema com que se governe a nossa fraca humanidade. Porquê? Porque os homens sejam todos, fundamentalmente, uns malandrins ou uns sacripantas? Tambem não. No espirito do homem ha de tudo, muita maldade mas tambem muita bondade. O bem e o mal são dois perfis que o homem tem, á maneira de Juno. Simplesmente, *«dans les pays du monde»*, escrevia Maurras na *Action Francaise*, de 10 de agosto de 1910, *si l'on ne veut que le mal l'emporte pas sur le bien, il ne faut pas tenter, solliciter et polariser toutes les forces de l'âme dans les sens de la calomnie...»*, etc., etc.

E o que faz á democracia abrindo os cofres do Estado ao primeiro videirinho ou ao primeiro ambicioso, chefe ou companheiro de muitos ambiciosos e videirinhos, — senão tentar-lhes, solicitar-lhes e polarisar-lhes todas as forças da alma — no sentido do roubo ou da dissipação? Na Monarquia ha uma Pessoa, um homem, que é responsavel nos seus bens e na sua vida, nos bens e na vida de seus filhos, na sua fortuna e na sua honra familiar, pelos erros que comete, ou deixa praticar. Mas na republica, não; na republica ha bandos que periodicamente passam sobre a vida da Nação e sobre a fazenda publica, como os bandos de gafanhotos passam ás vezes sobre as searas maduras. Pode-se lá responsabilizar um bando de gafanhotos...! mata-se meia duzia, matam-se mesmo duas duzias, mas os outros safam-se fatalmente, para no ano seguinte tornarem ao saque com mais experiencia e mais alguns centos de gafanhotos novos...

Ai de nós! que ha perto dum seculo entregamos esta farta seara portugueza á voracidade dos gafanhotos politicos! Antes do 5 de outubro ainda havia um guarda para a seara; mas matou-se um guarda, poz-se outro na rua, — e deixou-se tudo belamente abandonado ao simples capricho dos bandos vorazes... Ai de nós! Contra estas desvergonhas praticadas por um governo republicano, não ha, de facto, outro remedio senão as revoluções. Por isso a republica não é só um regimen de depradação e de vicio mas tambem um regimen de desordens, de motins constantes: e assim acontece que os paizes que não morrem da doença morrem muitas vezes da cura.

Mas o sufragio? as eleições? a intervenção da vontade popular no governo da nação? Não será isso um remedio seguro contra os erros do partido criminoso? Não bastará isso para afastar definitivamente do poder aqueles que dele abusaram?

Santo Deus! pensar assim é desconhecer o processo da vida eleitoral na sua mais simples e evidente realidade. Um partido que viveu set'anos no poder, ganhando sucessivas vitorias eleitoraes, representa uma força contra a qual se quebram os dentes da propria Virtude. Emquanto deteve o poder, ele não se cansou de aglutinar no seu interesse partidario, os interesses pessoaes daqueles que lhe davam votos e dinheiro. Para isso dissipou largamente a fortuna da Nação. Um dia este partido cae. O que fazem todos aqueles que até ali lhe deram dinheiro e votos? De duas uma: ou os novos governantes se propõem pôr fim á mamadeira, nest'outro caso, eles fazem o possivel para restituir o poder ao partido das gatunices; não o alcançam, em geral; mas, pelo menos, conseguem que pelo partido, apezar de ser reu dos peores delitos, volte a ter uma larga representação no Parlamento e, de certo modo, possua uma quota parte do poder.

Nunca um regimen politico, por mais gafado de crimes que estivesse, caiu sob um veredictum das urnas. Nunca o sufragio condenou á morte um partido politico por o saber reu das maiores imoralidades. Nunca!

Houve mesmo ladrões confessos que parece nunca terem perdido a consideração dos seus compatriotas, sendo julgados os mais dignos, em face da soma de votos obtida, para representarem a Nação. E' o caso tipico do celebre escroc Mary Raynaud que foi eleito deputado quando toda a França conhecia os seus roubos e as suas aventuras. O tristemente memoravel Bouilaut, depois de confessar em pleno Tribunal que se tinha vendido por cem contos, sendo ministro do comercio, á Companhia do Panamá, teve o gosto de ver que todos os seus grandes eleitores, reunidos em comité, desejavam manda-lo novamente ao seio do *pas elecfurn*. Wilson, condenado pelo trafico infame da Legião de honra, continuou a ser eleito pelo mesmo numero de votos...

Eram autenticos mariolas, estes sujeitos. Seriam ao menos autenticos republicanos?

Parece que sim, graças a Deus Nosso Senhor!

João do Amaral

Marquêses de Gouveia

Partiram hoje de manhã para a sua casa em Gouveia, os marquêses do mesmo titulo.

Mayer Garção

Depois de insistentes e amaveis pedidos do sr. dr. Germano Martins, vai aderir brevemente ao Partido Republicano Português, vulgarmente conhecido por *partido afonsista*, o sr. Mayer Garção, director literario da *Manhã*.

Nun'Alvares

Seriamos injustos se, ao lado do belo gesto do senhor Sidonio Pais, não salientassemos a atitude energica dos estudantes perante o cortejo carnavalesco que se projectava para hoje. Admiravel a mocidade portuguêsa! Como ela, numa linda afirmação de defeza nacionalista, se ergueu numa só vontade, selando a memoria gloriosa do Conde Santo, — do Santo Condestabre. As nossas saudações aos rapazes das escolas com um acto de fé na sua formosa e prometedora energia!

Jornaes

Desejariamos que mesmo entre adversarios houvesse, pelo lado da solidariedade de classe, um certo sentimento de camaradagem que infelizmente não existe. Não sabemos se a *Manhã* se lembrou de nós na passagem modesta do nosso primeiro aniversario. Não importa! Porque nos seus processos se verifica mais correcção e mais lealdade que em nenhum outro orgão jacobino, apraz-nos deste lado da trincheira sauda-la com a cortezia que até na guerra se dispensa ao inimigo em momentos solenes.

Assim o fazemos, desejando á *Manhã* que entron no segundo ano da sua carreira uma vida desafogada, de envolta com a ra uma vida desafogada, de envolta com a ra uma vida desafogada, de envolta com a ra